

Análise do desempenho do setor de bens de capital, no período 2003-2007, e o BNDES

Edson Luiz Moret de Carvalho
Marcos Fernandes Machado
Maurício Serrão Piccinini

<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>

ANÁLISE DO DESEMPENHO DO SETOR DE BENS DE CAPITAL, NO PERÍODO 2003-2007, E O BNDES

**Edson Luiz Moret de Carvalho
Marcos Fernandes Machado
Maurício Serrão Piccinini***

** Respectivamente, economista, gerente e chefe do Departamento de Suporte e Controle Operacional, da Área de Operações Indiretas do BNDES.*

BENS DE CAPITAL

Resumo

Este artigo dimensiona a contribuição da Área de Operações Indiretas (AOI) do BNDES para o setor de bens de capital no Brasil, com base nos volumes de desembolsos dirigidos ao setor, no período 2003-2007. O trabalho descreve as condições econômicas atuais e as mudanças promovidas na Área a partir de 2003 e analisa seus efeitos sobre o desempenho dos desembolsos para o setor de bens de capital.

Introdução

Este artigo argumenta que as condições econômicas favoráveis são importantes para explicar o crescimento dos desembolsos da Área de Operações Indiretas (AOI), mas não são a única causa. Melhorias de gestão, alterações nas condições de prazos e juros e a criação de opções diversificadas de financiamento, com foco em objetivos específicos, são tão importantes quanto as boas condições econômicas. Assim, destacam-se as principais medidas adotadas a partir de 2003, que melhoraram as condições financeiras das operações e contribuíram para o crescimento dos desembolsos como um todo e para os bens de capital, em particular. São apresentadas a evolução e a distribuição dos desembolsos da AOI para o setor de bens de capital, entre os diversos tipos de equipamentos, a partir de 2003. Esses desembolsos, através dos produtos FINAME, FINAME Leasing e FINAME Agrícola, podem ser tomados como indicadores da contribuição da Área para o desenvolvimento do setor de bens de capital no Brasil.

Desempenho da Economia

As expectativas acerca do desempenho da economia para 2007 definiam um cenário relativamente otimista: a economia internacional continuaria em crescimento e a desaceleração da economia americana seria compensada pela manutenção do crescimento da China; a situação externa continuaria favorável, pela confortável situação do balanço de pagamentos, pelo baixo nível de endividamento externo e pelo elevado nível de reservas internacionais; a inflação continuaria em declínio e as metas deste e do próximo ano deveriam ser facilmente atingidas; a agricultura sairia da crise com recuperação das safras e preços agrícolas em elevação. A dúvida maior ficava por conta da questão fiscal, com a elevação dos gastos correntes e a baixa capacidade de investimento do setor público, apesar da excessiva carga tributária, o que poderia impedir quedas mais acentuadas nos juros e atrapalhar a expansão dos investimentos privados.

Transcorrido o primeiro semestre do ano, as expectativas otimistas não só se confirmaram como, também, sugerem que este parece ser um dos melhores semestres desde 1995. A tendência de queda da inflação vem se confirmando, o que tem permitido reduções significativas nas taxas de juros. A taxa Selic, que iniciou o ano no patamar de 13,25% a.a., caiu para 11,5% a.a., em agosto, e pode chegar próximo de 10,0% a.a. até o fim do ano. A taxa de juros de

longo prazo (TJLP), que iniciou o ano em 6,5% a.a., foi reduzida para 6,25% a.a., a partir de julho, atingindo o patamar mais baixo desde a sua criação, em outubro de 1994.

Esses e outros fatores criaram condições muito favoráveis para a expansão das atividades econômicas. Embora os números relacionados ao crescimento, em geral, não sejam tão expressivos, o mais importante é que sugerem a possibilidade do início de um ciclo de crescimento sustentável, ao contrário do ocorrido em períodos anteriores. Os indicadores de crescimento, entretanto, não autorizam essa conclusão de imediato. O desempenho da indústria de transformação apresentou, de janeiro a maio, um crescimento de 3,9% em relação a igual período do ano anterior. A produção de bens duráveis cresceu 2,7% em igual período; dos bens semiduráveis, 2,1%; dos bens de consumo, 2,3%; e dos bens intermediários, 3,6%.

Alguns setores da indústria de transformação, exclusive o dos bens de capital, apresentaram um desempenho um pouco melhor. Bens de consumo, como bebidas, cresceram 6,3% nos cinco primeiros meses do ano; perfumaria, sabões, detergentes e produtos de limpeza, 7,9%; alimentos, 3,7%. Entre os setores de insumos básicos, o de metalurgia cresceu 8,1%, enquanto o de minerais não-metálicos cresceu 4,6%. Entre os setores que tiveram os piores desempenhos, alguns vêm enfrentando perda de competitividade internacional: têxtil, com crescimento de 1,4% no período; papel e celulose, com -0,9%; fumo, com 0,2%; refino de petróleo e álcool, com -0,4%; edição, impressão e reprodução de gravações, com -3,0%; vestuário e acessórios, com -0,6%; calçados e artigos de couro, com -3,6%; e madeira, o pior de todos, com -5,2%.

O que mais chama atenção nesse conjunto de indicadores é o crescimento da produção de bens de capital. O setor de bens de capital para a indústria em geral cresceu 15,6%, no período janeiro-maio de 2007, em relação a igual período do ano anterior. Bens de capital mais específicos, como aqueles para fins industriais, cresceram 18,6%. Esse é o terceiro maior crescimento acumulado desde 1995, superado apenas pelo crescimento observado em 1995 e 2000. A diferença, agora, é que as condições econômicas do país são bem mais propícias ao crescimento do que antes.

O segmento de bens de capital seriados teve o maior crescimento no período janeiro-maio, com 20,9%; em seguida, vieram bens de capital de uso misto, com 17,3%; bens de capital para energia elétrica, com 16,4%; bens de capital para construção, com 12,0%; e bens de capital para fins industriais não-seriados, com 4,7%; equipamentos de transporte, com 11,2%, os bens de capital agrícola, com 23,3%, e peças agrícolas, com 12,0%, reverteram o declínio observado em períodos anteriores.

O fato interessante na atual fase de crescimento – uma indicação de que o país pode estar iniciando um novo ciclo econômico de crescimento – é que o processo de crescimento atual está se manifestando a partir do setor de bens de capital, ao contrário dos processos tradicionais em que os bens de consumo duráveis e não-duráveis crescem mais rápido e levam as empresas a expandir sua capacidade produtiva. O padrão de crescimento atual é distinto, pois o setor de bens de capital lidera o processo, enquanto os bens de consumo ainda não apresentam uma reação significativa. Isso pode estar ocorrendo porque as empresas estão retomando os investimentos para ampliação de capacidade, antecipando um aumento esperado na demanda futura, ou, o que é mais provável, estão se engajando em um intenso processo de modernização. A expansão das importações, com um crescimento de 32%, apóia essa possibilidade.

Tabela 1

Taxas de Crescimento dos Bens de Capital

(Em %)

BENS DE CAPITAL	ACUMULADO EM 12 MESES	NO PERÍODO JAN-MAIO DE 2007 *
Para Fins Industriais Seriados	14,9	20,9
Para o Setor de Energia Elétrica	14,1	16,4
Bens de Capital de Uso Misto	13,8	17,3
Para Fins Industriais	13,6	18,6
Para Construção	5,9	12,0
Para Fins Industriais Não-Seriados	5,7	4,7
Equipamentos de Transporte	3,1	11,2
Bens de Capital Agrícolas	-0,6	23,3
Pecas Agrícolas	-9,8	59,3

Fonte: BNDES.

* Em relação a jan-maio de 2006.

O perfil de crescimento observado anteriormente vem tendo um forte impacto sobre os desembolsos da AOI, especialmente no primeiro semestre de 2007, mas não é a única causa para a evolução desses desembolsos a partir de 2003.

A Área de Operações Indiretas (AOI) do BNDES é responsável pelas operações de processamento automático do BNDES e atua através de uma rede de agentes financeiros credenciados. Os produtos da Área são direcionados ao financiamento de máquinas, equipamentos, investimentos fixos, projetos de até R\$ 10,0 milhões e capital de giro associado. Através de seus produtos e programas, apóia segmentos da economia, como micro, pequenas e médias empresas e, em particular, o setor de bens de

Desembolsos da Área de Operações Indiretas

capital. O vínculo da Área com esse setor é muito forte, através de três dos seus produtos, FINAME, FINAME Leasing e FINAME Agrícola,¹ que financiam exclusivamente bens de capital e capital de giro, em alguns casos específicos.

Diversas iniciativas tomadas a partir de 2003, com vistas à modernização operacional da Área, somaram-se às condições econômicas e contribuíram para dar um grande impulso às operações desde então. Entre as principais ações, quatro, pelo menos, tiveram impacto mais direto sobre as operações: (i) redução dos prazos de análise e aprovação das operações; (ii) ampliação dos prazos dos financiamentos; (iii) redução de *spreads* bancários; e (iv) criação de diversos programas específicos voltados para atender às necessidades dos setores produtivos.

Prazo no processamento das operações – A principal medida de modernização do processamento das operações automáticas foi a automatização do processo de operações do FINAME, do FINAME Leasing e do FINAME Agrícola através da PAC *on-line*, em que as Propostas de Abertura de Crédito (PAC) e os Pedidos de Liberação (PL) passaram a ser encaminhados por meio eletrônico. Esse procedimento contribuiu para encurtar consideravelmente o tempo de tramitação das operações no BNDES, desde o protocolo das operações até sua aprovação. Operações do FINAME que, em 2005, para serem analisadas e aprovadas, levavam cerca de 7 a 12 dias, conforme a sistemática da operação (simplificada ou convencional), hoje levam apenas de 3 a 5 dias; nas operações do FINAME Leasing, o tempo chegava a 20 dias e hoje não ultrapassa 16 dias; e nas operações do FINAME Agrícola, os prazos de 3 a 5 dias, em média, caíram para não mais do que 2 dias, em média. Essa vantagem oferecida pelo meio eletrônico de encaminhamento das operações vem permitindo, também, que os agentes enviem os pedidos de liberação mais rapidamente.

Ampliação dos prazos de financiamento – A ampliação dos prazos de financiamento das operações, nos diversos produtos e programas da AOI, concretizada através das políticas operacionais do BNDES e em comum acordo com os agentes financeiros, vem contribuindo para alongar o prazo das dívidas dos tomadores de recursos das operações indiretas do BNDES. Essas medidas trouxeram um importante benefício para as empresas e representam um estímulo adicional ao aumento da demanda por financiamentos da AOI. A Tabela 2 resume os prazos médios das operações nos diversos produtos da Área e mostra o aumento ocorrido em quase todos os produtos a partir de 2003.

Redução de spreads – A remuneração dos agentes financeiros no repasse das operações indiretas vem sofrendo significativas reduções a partir de 2003. Mais do que um processo espontâneo, ele foi induzido pelo BNDES, de comum acordo com os

¹O produto FINAME, por intermédio de agentes financeiros credenciados, financia a produção e a comercialização de máquinas e equipamentos novos, de fabricação nacional, credenciados no BNDES, e capital de giro associado. O FINAME Leasing financia a aquisição de máquinas e equipamentos novos, de fabricação nacional, credenciados no BNDES, destinados a operações de arrendamento mercantil. O financiamento é concedido à empresa arrendadora para a aquisição de máquinas e equipamentos, os quais são, simultaneamente, arrendados à empresa usuária (arrendatária). O FINAME Agrícola, também por intermédio de agentes financeiros, financia a produção e a comercialização de máquinas e equipamentos novos, de fabricação nacional, credenciados no BNDES e destinados ao setor agropecuário.

Tabela 2

Prazos Médios de Financiamento*

(Em Meses)

PRODUTO AOI	2003	2004	2005	2006	2007
FINAME	45,6	46,1	48,9	51,6	52,7
FINAME Leasing	35,5	38,2	39,2	41,2	44,2
FINAME Agrícola	66,3	66,2	66,8	66,9	66,3
BNDES Automático ¹	56,2	56,0	54,6	56,0	56,5
Cartão BNDES	11,0	13,2	25,6	29,7	30,2
Programas Agrícolas	72,0	67,9	71,0	76,6	80,6

Fonte: BNDES.

* Amortização e carência.

¹ Sem Progeren, Procomp e Proinsa.

agentes financeiros, e através de normas que gradualmente foram estabelecendo tetos em diversos programas. Apenas para citar um exemplo, o programa Modermaq, voltado para o financiamento de bens de capital não-transporte, ao ser regulamentado em setembro de 2004, definia o *spread* máximo ao agente em 3,95%. No Procaminhoneiro, a remuneração do agente foi limitada em até 6,0% a.a., e assim por diante. A Tabela 3 resume a evolução dos *spreads* médios a partir de 2003 nos diversos produtos da AOI e mostra a redução observada desde então.

Criação de outros produtos – Nesse período, houve uma ampliação de programas operacionalizados dentro dos produtos tradicionais FINAME, FINAME Agrícola e BNDES Automático,² o que tornou mais seletivo o apoio aos segmentos do setor de bens de capital, às micro, pequenas e médias empresas, e ampliou os objetivos de política, que passaram a incorporar novos objetivos, como o apoio às cadeias produtivas e ao processo de inovação.

Assim, foram criados programas específicos de atuação nas MPMEs e Arranjos Produtivos Locais, como o Progeren³ (Programa de Apoio ao Fortalecimento da Capacidade de Geração de

Tabela 3

Spread dos Agentes (% a. a.)

PRODUTO AOI	2003	2004	2005	2006	2007
FINAME	3,28	3,11	2,89	2,45	2,19
FINAME Agrícola	2,95	2,96	3	2,96	2,9
FINAME Leasing	4,51	4,02	3,23	2,86	2,86
BNDES Automático	3,13	3,06	3,24	2,78	2,55
Cartão BNDES	6,46	6,75	6,65	5,74	4,81
Programas Agrícolas*	3,28	3,22	3,26	3,14	3,13
Total	3,19	3,09	3,02	2,66	2,44

Fonte: BNDES.

*Programas do BNDES Automático.

²O BNDES Automático financia, por intermédio de agentes financeiros credenciados, projetos de investimento cujos valores sejam inferiores ou iguais a R\$ 10 milhões por beneficiária e capital de giro, a cada período de 12 meses.

³O Progeren visa dar apoio financeiro, na forma de capital de giro, para as micro, pequenas e médias empresas localizadas em aglomerações setoriais e para empresas do setor industrial com receita operacional bruta inferior ou igual a R\$ 300 milhões anuais (Procomp).

Emprego e Renda), nas Cooperativas de Crédito e Caminhoneiros Autônomos, como o Procaminhoneiro,⁴ e outros programas destinados a apoiar especificamente o setor de bens de capital não-transporte, como o Modermaq,⁵ além de capital de giro, com o Procomp⁶ (Programa de Competitividade do Setor Industrial), que contemplam até grandes empresas. Os objetivos de modernização se concretizaram com a criação recente de programa específico, o FINAME Moderniza BK.⁷

Modificações nas condições de financiamento – Diversas modificações também foram promovidas nos produtos tradicionais da Área. No caso do FINAME Leasing, por exemplo, promoveu-se uma redução de juros e permitiu-se participação das empresas estrangeiras nos financiamentos em TJLP. O produto que mais passou por modificações, exatamente por ser o mais novo dentro do grupo de produtos da AOI, foi o Cartão BNDES.⁸ Nesse caso, as medidas tomadas foram no sentido de dar maior conteúdo e ampliar o seu alcance para cadeias produtivas, a exemplo da inclusão dos setores coureiro-calçadista e têxtil, além da ampliação nos prazos de financiamento, nos tipos de equipamentos financiados e nos limites de crédito concedidos.

Essas medidas, interagindo com um ambiente econômico propício, têm produzido resultados favoráveis em termos de crescimento dos desembolsos da Área, fazendo com que a participação no total dos desembolsos do BNDES apresentasse tendência a aumentar, especialmente no primeiro semestre de 2007. A participação dos desembolsos da Área no total de desembolsos do BNDES, em termos anuais, ficou relativamente estável: 33,9% em 2003, 37,2% em 2004, 33,4% em 2005 e 32,5% em 2006. Em relação aos primeiros semestres de cada ano, essa participação apresenta tendência a aumentar: de 43,4%, em 2003, subiu para 46,3%, em 2007.

Os desembolsos da AOI cresceram à taxa de 53,2%, no primeiro semestre de 2007, a maior taxa de crescimento semestral desde 1995. O FINAME Leasing cresceu 192,7%, o BNDES Automático, 117%, e o Cartão BNDES, 136,7%. Os desembolsos do FINAME cresceram 50,6% no semestre, o que também pode ser considerado excepcional, dado o volume de recursos envolvidos. O comportamento dos desembolsos mensais da AOI também aparenta estar mudando de patamar. De uma média mensal de R\$ 1,2 bilhão, no primeiro semestre de 2006, esses desembolsos saltaram para R\$ 1,9 bilhão, no primeiro semestre de 2007. Além disso, apresentaram tendência crescente e alcançaram, em maio do corrente ano, R\$ 2,283 bilhões, e em junho, R\$ 2,888 bilhões. A Tabela 4 resume o crescimento semestral dos desembolsos por produto AOI nos últimos cinco anos.

⁴O Procaminhoneiro tem por objetivo financiar a aquisição de caminhões, chassis e carrocerias de caminhões de fabricação nacional.

⁵O Modermaq tem por objetivo financiar a aquisição de máquinas e equipamentos nacionais novos, com vistas à dinamização do setor de bens de capital e à modernização geral da indústria e do setor de saúde. Tem como público-alvo empresas de qualquer porte enquadradas na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), como indústria extrativa, indústria de transformação, de construção ou atividades de atenção à saúde.

⁶O Procomp visa dar apoio financeiro, na forma de capital de giro, para empresas do setor industrial com receita operacional bruta inferior ou igual a R\$ 300 milhões anuais.

⁷O FINAME-Moderniza BK tem por objetivo financiar a modernização de máquinas e equipamentos instalados no país.

⁸O cartão BNDES financia investimentos das micro, pequenas e médias empresas através de crédito rotativo pré-aprovado para aquisição de bens de produção, com prazos de 12, 18, 24 ou 36 meses e prestações fixas, sendo o limite de crédito de R\$ 250 mil.

Tabela 4

Desembolsos por Produto da AOI – Janeiro a Junho

(Em R\$ Milhões)

PRODUTO AOI	2003		2004		2005		2006		2007	
	VALOR	Δ%	VALOR	Δ%	VALOR	Δ%	VALOR	Δ%	VALOR	Δ%
FINAME	2.358,4	35,2	2.709,1	14,9	4.826,1	78,1	4.701,3	-2,6	7.079,1	50,6
FINAME Agrícola	857,7	-16,9	2.004,8	133,8	1.285,8	-35,9	710,1	-44,8	966,1	36,1
FINAME Leasing	200,4	52,3	88,5	-55,8	226,4	155,7	208,1	-8,1	609,2	192,7
BNDES Automático	832,3	-6,4	707,7	-15,0	772,1	9,1	846,4	9,6	1.836,3	117,0
Programas Agrícolas	521,5	-	1.036,1	-	1.049,4	1,3	918,1	-12,5	748,4	-18,5
Cartão BNDES	0,1	0,0	3,6	3.063,2	17,4	381,3	87,3	402,2	206,7	136,7
Total	4.770,5	15,7	6.549,9	37,3	8.177,2	24,8	7.471,3	-8,6	11.445,9	53,2

Fonte: BNDES.

O apoio da Área aos bens de capital pode ser dimensionado pelos desembolsos dos produtos FINAME, FINAME Leasing e FINAME Agrícola, especificamente direcionados aos equipamentos. Os desembolsos realizados através de outros produtos, como o BNDES Automático, o Cartão e os Programas Agrícolas, também contemplam equipamentos, mas em conjunto com outros itens financiados. Assim, os desembolsos conjugados dos produtos FINAME (FINAME, FINAME Leasing e FINAME Agrícola) dão uma indicação clara do perfil e da magnitude do apoio que a Área presta ao setor de bens de capital, embora subestimem o valor total dos equipamentos financiados na Área.

Os desembolsos anuais desses três produtos somados evoluíram de R\$ 8,6 bilhões em 2003 (correspondentes a 75,6% dos desembolsos da AOI) para R\$ 11,4 bilhões em 2004 (76,8% dos desembolsos da AOI), R\$ 11,98 bilhões em 2005 (76,3% dos desembolsos da AOI) e R\$ 12,9 bilhões em 2006 (77,2% dos desembolsos totais da AOI). Em 2007, a expectativa é de que os desembolsos para equipamentos por esses três produtos, em conjunto, alcancem R\$ 19,7 bilhões (de um total de desembolsos da AOI previsto de R\$ 25,0 bilhões, o que implica um crescimento de 52,7% apenas em um ano).

Em termos semestrais, os desembolsos do grupo FINAME tiveram comportamento semelhante aos desembolsos anuais e mais que dobraram entre o primeiro semestre de 2003 e o primeiro semestre de 2007. Os valores saltaram de R\$ 3,42 bilhões, no primeiro semestre de 2003, para R\$ 8,65 bilhões, no primeiro semestre de 2007, com um crescimento acumulado de 152,9%.

De forma mais agregada, os equipamentos financiados são classificados em três categorias: **equipamentos de transporte**, que incluem caminhões, ônibus, vagões, *containers* e outros; **equi-**

Financiamentos aos Bens de Capital

pamentos não-transporte, que incluem uma diversificada gama de equipamentos, desde infra-estrutura, como máquinas rodoviárias, tratores de esteira e geradores, a equipamentos para fins industriais, como máquinas-ferramenta; e **equipamentos agrícolas**, como tratores, colheitadeiras e implementos agrícolas. O forte crescimento observado nos desembolsos do primeiro semestre de 2007, em relação a igual período do ano anterior (54%), deu-se principalmente em função dos equipamentos de transporte (caminhões, cujos desembolsos cresceram 72,7%, e ônibus, com 77,7%), dos equipamentos agrícolas (cujos desembolsos cresceram 54,5%) e dos equipamentos não-transporte (cujos desembolsos cresceram 37,8%). Dentro da categoria dos equipamentos não-transporte, destacam-se equipamentos para açúcar e álcool, com 91,9%, máquinas rodoviárias, com crescimento de 39,2%, e máquinas-ferramenta, com 27,9%.

A distribuição dos desembolsos entre essas diversas categorias é apresentada nas Tabelas 5 e 6, em termos anuais de 2003 a 2007 (estimativa) e nos primeiros semestres de 2003 até 2007. A análise subsequente considera os desembolsos semestrais, para contemplar também os últimos dados disponíveis, referentes ao ano de 2007.

O grupo transporte é predominante, com participações crescentes no desembolso dos produtos FINAME. Suas participações evoluíram de 48,9%, em 2003 (primeiro semestre), a 55,8%, em 2007 (idem); equipamentos não-transporte vêm em seguida, com um crescimento de 25,8%, em 2003 (primeiro semestre), para 30,2%, em 2007 (primeiro semestre); os equipamentos agrícolas contavam com 33,8% dos desembolsos, no início do período, e caíram para o terceiro lugar, com uma participação de 14%, em 2007 (primeiro semestre).

Tabela 5

Desembolsos da AOI por Tipo de Equipamento – FINAME, FINAME Leasing e FINAME Agrícola

(Em R\$ Milhões)

EQUIPAMENTOS	2003		2004		2005		2006		2007 *	
	R\$ Milhões	%	R\$ Milhões	%	R\$ Milhões	%	R\$ Milhões	%	R\$ Milhões	%
Transporte	3.656,2	42,6	4.332,7	38,1	5.655,1	47,2	6.848,8	53,1	10.967,2	55,8
Não-Transporte	2.047,7	23,8	2.471,8	21,7	4.020,6	33,5	4.322,4	33,5	5.928,3	30,2
Agrícola	2.883,8	33,6	4.580,2	40,2	2.309,5	19,3	1.715,9	13,3	2.759,6	14,0
Total Equipamentos	8.587,7	100,0	11.384,7	100,0	11.985,2	100,0	12.887,1	100,0	19.655,1	100,0
Crescimento (%)	–	–	32,6	–	5,3	–	7,5	–	52,5	–
Total AOI	11.353,8	–	14.827,6	–	15.710,6	–	16.702,0	–	25.000,0	–
Equipamentos/AOI (%)	75,6	–	76,8	–	76,3	–	77,2	–	78,6	–

Fonte: BNDES.

* Previsão.

Tabela 6

Desembolsos da AOI por Tipo de Equipamento – FINAME, FINAME Leasing e FINAME Agrícola – Janeiro a Junho

(Em R\$ Milhões)

EQUIPAMENTOS	2003		2004		2005		2006		2007	
	R\$ Milhões	%	R\$ Milhões	%	R\$ Milhões	%	R\$ Milhões	%	R\$ Milhões	%
Transporte	1.658,2	48,5	1.755,8	36,2	3.021,7	47,6	2.938,6	52,3	4.823,0	55,7
Não-Transporte	898,0	26,3	1.082,0	22,3	1.991,1	31,4	1.858,6	33,1	2.561,4	29,6
Agrícola	860,3	25,2	2.007,9	41,4	1.329,3	21,0	822,3	14,6	1.270,1	14,7
Total	3.416,5	100,0	4.845,7	100,0	6.342,1	100,0	5.619,5	100,0	8.654,5	100,0
Crescimento (%)	–	–	41,8	–	30,9	–	(11,4)	–	54,0	–
Total AOI	6.019,2	–	6.549,9	–	8.181,7	–	7.471,3	–	11.445,9	–
Equipamentos/AOI (%)	56,8	–	74,0	–	77,5	–	75,2	–	75,6	–

Fonte: BNDES.

No grupo transporte, caminhões e ônibus respondem por 99% dos desembolsos. Os desembolsos semestrais cresceram 190,8%, no período 2003-2007; para ônibus, cresceram 312%; e caminhões, 158%. Essas expressivas taxas de crescimento têm mantido a participação do grupo transportes em primeiro lugar na distribuição dos financiamentos para equipamentos e, também, refletem a política de facilitar o acesso ao crédito e as condições criadas por programas como o Procaminhoneiro.

Os desembolsos para equipamentos agrícolas tiveram uma participação no início do período de 25,2%, em termos semestrais, e terminaram o período com uma participação de 14,7%. Essa queda ocorreu a partir de 2005, quando os desembolsos caíram 49,6% em relação ao primeiro semestre do ano anterior, em função da crise do setor agrícola. Os equipamentos agrícolas cujos desembolsos mais cresceram entre 2003 e 2007 (carretas e silos) têm pouca expressividade em termos de participação no setor. Os equipamentos mais importantes desse grupo são tratores, colheitadeiras e implementos agrícolas. Entre esses, apenas os tratores agrícolas também tiveram um bom desempenho, com um crescimento de 55%, entre o primeiro semestre de 2003 e o primeiro semestre de 2007. As colheitadeiras apresentaram crescimento bem

Tabela 7

Destaques do Grupo Transporte – 2003-2007 – Janeiro a Junho

(Em R\$ Milhões)

EQUIPAMENTOS	2003	2004	2005	2006	2007	Δ % 2007/2003
Caminhões	1.306,4	1.326,1	2.433,7	1.953,2	3.372,3	158,1
Ônibus	335,0	382,6	537,6	777,0	1.381,0	312,3
Subtotal (A)	1.641,4	1.708,6	2.971,3	2.730,1	4.753,3	189,6
Total do Grupo (B)	1.658,2	1.755,8	3.021,7	2.938,6	4.823,0	190,9
Participação (A)/(B)	99,0	97,3	98,3	92,9	98,6	–

Fonte: BNDES.

mais modesto, de 20,8%, em igual período. Se isso representa uma mudança definitiva no perfil dos investimentos agrícolas, é difícil anteciper. Com a recuperação do poder de compra do setor, a partir desse ano, é possível que a demanda por colheitadeiras volte a aumentar, fazendo com que a participação desse equipamento recupere sua importância original.

Em contrapartida, o grupo bens de capital não-transporte evoluiu de forma bastante favorável nesse período. Os indicadores de desempenho, representados pela magnitude e pela evolução dos desembolsos da Área para esse grupo de equipamentos, tiveram um excelente comportamento entre os primeiros semestres de 2003 a 2007. A participação do grupo no total de desembolsos dos produtos FINAME aumentou significativamente, saindo de 25,8%, no período janeiro-junho de 2003, para 30,2%, no período janeiro-junho de 2007, elevando sua posição para o segundo lugar no *ranking* de desembolsos para equipamentos.

Os equipamentos mais importantes desse grupo, em termos de volume nos desembolsos, estão relacionados na Tabela 9.

Os dez tipos de equipamentos mais financiados foram responsáveis por 67,9% do total dos desembolsos para o grupo, no primeiro semestre de 2007. Os desembolsos para sete tipos de equipamentos desse grupo foram também os que mais cresceram entre o primeiro semestre de 2003 e o primeiro semestre de 2007. Máquinas rodoviárias, o item individual de maior importância, cresceram 418,7%; equipamentos para açúcar e álcool, 481%; máquinas para movimentação de cargas, 279,8%; máquinas-ferramenta, 241,8%; caldearia e vaso de pressão, 120%; refrigeração e ar condicionado, 95,3%; máquinas plásticas, 61%; equipamentos para informática, 1.346,4%; tratores não-agrícolas, 339,7%; e equipamentos para siderurgia, 135,6%.

A Tabela 10 apresenta a relação de vinte equipamentos cujos financiamentos mais cresceram, entre os semestres considerados. Essa relação contém sete dos dez grupos mais importantes

Tabela 8

Destaques do Grupo Equipamentos Agrícolas – 2003-2007 – Janeiro a Junho

(Em R\$ Milhões)

EQUIPAMENTOS	2003	2004	2005	2006	2007	Δ % 2007/2003
Tratores Agrícolas	321,3	641,4	458,4	319,9	498,1	55,0
Silos	14,6	60,9	63,3	37,5	32,7	123,4
Carretas Agrícolas	3,4	5,3	10,2	8,6	22,8	566,8
Subtotal (A)	339,4	707,6	531,9	366,0	553,6	63,1
Total do Grupo (B)	860,3	2.007,9	1.329,3	822,3	1.270,1	47,6
Participação (A)/(B)	39,4	35,2	40,0	44,5	43,6	–

Fonte: BNDES.

Tabela 9

Equipamentos do Grupo Não-Transporte: 10 Maiores por Valor dos Desembolsos – 2003-2007 – Janeiro a Junho

(Em R\$ Milhões)

EQUIPAMENTOS	2003	2004	2005	2006	2007	Δ % 2007/2003
Máquinas Rodoviárias	115,9	141,5	443,5	432,0	601,2	418,7
Máquinas-Ferramenta	82,2	121,1	229,3	219,6	280,8	241,8
Equip. para Açúcar e Alcool	36,1	49,8	63,2	109,1	209,5	481,0
Máquinas para Movimentação de Carga	36,1	91,2	128,1	135,9	137,2	279,8
Refrigeração e Ar Condicionado	57,8	54,6	94,7	61,3	112,9	95,3
Calderaria e Vaso de Pressão	45,6	57,1	130,5	107,2	100,4	120,2
Máquinas Plásticas	60,0	50,1	126,2	110,6	96,6	61,0
Equip. para Informática e Telecomunicações	6,0	12,4	12,6	23,5	86,7	1.346,4
Tratores (Exceto Agrícolas)	15,1	22,1	51,1	56,5	66,4	339,6
Equip. para Siderurgia e Metalurgia	20,2	33,1	28,5	20,3	47,6	135,6
Subtotal	475,0	632,9	1.307,7	1.275,9	1.739,4	266,2
Grupo Não-Transporte	898,0	1.082,0	1.991,1	1.858,6	2.561,4	185,2
Participação %	52,9	58,5	65,7	68,6	67,9	-

Fonte: BNDES.

em termos de volume de desembolsos, que são os seguintes: máquinas rodoviárias, máquinas-ferramenta, equipamentos para açúcar e álcool, máquinas para movimentação de carga, equipamentos para informática e telecomunicações, tratores não-agrícolas e equipamentos para siderurgia e metalurgia. Em conjunto, esse grupo apresentou taxas significativas de crescimento nos semestres: 50,6% em 2004; 96,5% em 2005; caiu para 5,4% em 2006, e voltou a subir para 43,2% em 2007.

Também merece destaque o bom desempenho dos desembolsos para máquinas-ferramenta, com um crescimento de 241,8% acumulado no período 2003-2007 (janeiro-junho).

O desempenho dos desembolsos para bens de capital não-transporte tem, pelo menos, duas características importantes.

A primeira é que esses desembolsos distribuem-se de forma bem diversificada entre os tipos de equipamentos: infra-estrutura (máquinas rodoviárias), insumos básicos (equipamentos para açúcar e álcool, equipamentos para metalurgia e siderurgia, máquinas para papel e celulose), setores de consumo (máquinas para bebidas e alimentos) e novos setores como os equipamentos de informática e comunicação.

A segunda é que em 2005 ocorreu uma importante mudança no padrão de desembolsos da AOI, em favor desse grupo de equipamentos. Esse aumento se deu não apenas em função do

Tabela 10

Destaques do Grupo Não-Transporte – 2003-2007 – Janeiro a Junho

(Em R\$ Milhões)

EQUIPAMENTOS	2003	2004	2005	2006	2007	Δ % 2007/2003
Caldeiras Fornoalhas	0,2	0,1	1,6	2,4	14,6	6.118,9
Equip. para Informática e Telecomunicações	6,0	12,4	12,6	23,5	86,7	1.346,4
Máquinas para Bebidas	3,2	9,0	12,2	11,2	29,5	820,7
Equip. para Açúcar e Álcool	36,1	49,8	63,2	109,1	209,5	481,0
Equip. para Cerâmica	3,4	3,2	17,5	8,3	18,8	458,6
Equip. para Abatedouro	1,1	1,3	2,4	6,3	5,8	449,0
Máquinas Rodoviárias	115,9	141,5	443,5	432,0	601,2	418,7
Grupo Gerador	8,0	11,8	11,2	26,2	39,8	400,9
Tratores (Exceto Agrícolas)	15,1	22,1	51,1	56,5	66,4	339,6
Tanques	4,3	10,4	13,7	18,5	18,4	324,6
Equip. para Injeção e Sopro	3,5	6,2	14,1	12,5	14,2	311,3
Máquinas para Movimentação de Carga	36,1	91,2	128,1	135,9	137,2	279,8
Máquinas Alimentícias	9,5	20,8	30,9	34,8	34,6	264,0
Equip. para Cimento e Mineração	7,7	7,2	18,9	20,9	26,3	242,5
Máquinas-Ferramenta	82,2	121,1	229,3	219,6	280,8	241,8
Máquinas e Equip. para Pavimentação	6,9	5,9	18,5	15,5	23,5	240,6
Motores	3,6	6,6	11,5	7,9	10,3	187,0
Máquinas Gráficas	15,1	18,3	23,6	34,0	39,8	163,6
Equip. para Siderurgia e Metalurgia	20,2	33,1	28,5	20,3	47,6	135,6
Máquinas para Papel e Celulose	8,3	9,6	10,3	8,7	19,1	128,9
Subtotal (A)	386,3	581,6	1.142,6	1.204,1	1.724,2	-
Total do Grupo (B)	898,0	1.082,0	1.991,1	1.858,6	2.561,4	-
Participação (A)/(B)	43,0	53,8	57,4	64,8	67,3	-

Fonte: BNDES.

declínio dos equipamentos agrícolas, cujo setor passou por uma profunda crise em 2005, mas também por uma expressiva elevação de escala. Os desembolsos recebidos pelos bens de capital não-transporte cresceram 60% no ano de 2005, em relação ao ano anterior, passando de R\$ 2,5 bilhões, em 2004, para R\$ 4,0 bilhões, em 2005. Em relação aos primeiros semestres, os desembolsos para bens de capital não-transporte cresceram 84,3%, passando de R\$ 1,08 bilhão, em 2004, para 1,99 bilhão, em 2005.

Esse movimento consolidou um novo perfil nos desembolsos da AOI para máquinas e equipamentos, em favor dos equipamentos de infra-estrutura e para fins industriais. O aumento na participação dos bens de capital do grupo não-transporte ocorreu por motivos extra-econômicos, pois o desempenho da economia brasileira em 2005 não foi bom. O PIB cresceu apenas 2,9%, a formação bruta de capital fixo, apenas 3,6%, e a produção de máquinas e equipamentos para fins industriais caiu 2,2%.

Há duas outras causas possíveis para essa mudança de perfil em 2005: a primeira é que a queda na demanda por financia-

Tabela 11

Equipamentos Financiados Através do Modermaq, por Valor dos Desembolsos – Janeiro a Junho

(Em R\$ Milhões)

EQUIPAMENTOS	2005	2006	2007
Máquinas Rodoviárias	232,8	223,4	252,4
Equip. para Açúcar e Alcool	31,7	86,3	106,3
Colheitadeiras	1,7	24,9	70,0
Tratores Agrícolas	14,8	23,3	67,3
Máquinas-Ferramenta	32,1	42,0	61,3
Refrigeração e Ar Condicionado	8,6	18,8	46,4
Caldeiraria e Vaso de Pressão	44,5	54,5	38,6
Máquinas para Movimentação de Carga	16,1	38,3	27,8
Máquinas Plásticas	29,8	36,4	24,8
Equip. para Irrigação	0,4	3,7	18,3
Máquinas Gráficas	3,7	10,1	17,3
Máquinas Alimentícias	1,9	21,2	17,0
Tratores (Exceto Agrícolas)	18,0	16,5	16,5
Equip. para Siderurgia e Metalurgia	1,2	2,7	15,6
Bombas e Compressores	7,5	10,4	14,8
Máquinas para Embalagem	8,3	11,9	14,7
Equip. para Subestação	0,3	4,6	12,2
Máquinas Têxteis	8,3	8,4	11,3
Grupo Gerador	1,5	9,5	10,3
Implementos Agrícolas	3,4	6,7	10,2
Máquinas para Papel e Celulose	0,4	3,8	9,7
Equip. para Injeção e Sopro	6,6	6,4	9,5
Silos	1,9	4,4	8,3
Equip. para Cimento e Mineração	1,6	7,8	7,1
Painéis Elétricos	1,0	11,7	7,0
Motores	2,8	4,9	6,9
Máquinas e Equip. para Pavimentação	6,6	5,1	6,9
Equip. para Cerâmica	0,1	3,5	4,9
Máquinas para Madeira	4,2	5,5	4,4
Caldeiras Fornalhas	–	0,2	3,0
Turbinas	4,4	19,5	2,7
Carretas Agrícolas	1,1	3,4	2,5
Caminhão	120,3	6,0	2,4
Equip. para Águas e Efluentes	0,1	3,0	1,8
Tanques	0,6	3,3	1,8
Equip. para Matrizes e Estampa	0,6	0,2	1,8
Equip. para Armazenagem	1,0	1,6	1,7
Máquinas para Bebidas	0,6	1,8	1,4
Equip. para Automação e Controle	0,8	1,3	1,4
Equip. para Calçados e Couro	0,9	2,3	1,1
Equip. para Abatedouro	0,2	2,0	1,0
Equip. para Beneficiamento	0,8	1,2	0,7
Equip. para Informática e Telecomunicações	0,1	0,3	0,6
Equipamentos para Laboratório e Ensaio	1,0	0,2	0,6
Equip. Médicos e Hospitalares	–	0,4	0,2
Equipamentos Avícolas	–	0,8	0,1
Vários Equipamentos	53,3	69,9	106,0
Total Geral	677,8	824,1	1.048,1

mentos para máquinas agrícolas pode ter induzido os agentes financeiros a se moverem na direção de outros tipos de financiamento; a outra, mais provável, seria a entrada em operação do Modermaq, criado em fins de 2004, que definiu condições específicas de financiamento para o segmento de máquinas e equipamentos das indústrias extrativa e de transformação. Sob as condições específicas do programa, foram desembolsados R\$ 1,68 bilhão em 2005. Se considerarmos que entre 2004 e 2005 os desembolsos para os bens de capital não-transporte aumentaram R\$ 1,55 bilhão (desembolsos totais de R\$ 2,47 bilhões, em 2004, e de R\$ 4,0 bilhões, em 2005), podemos ter uma idéia do impacto do programa na ocasião. No primeiro semestre de 2005, 28,9% dos desembolsos FINAME foram feitos através do Modermaq. No primeiro semestre de 2007, essa participação se reduziu para 14,8%.

Assim, são fortes as evidências de que o Modermaq contribuiu para alavancar os financiamentos ao grupo de equipamentos não-transporte em 2005. Além disso, entre os dez tipos de equipamentos mais financiados pelo Modermaq (responsáveis por 51% dos desembolsos do programa), oito figuram na lista dos mais importantes do grupo bens de capital não-transporte, por valor do desembolso (as exceções ficaram por conta de máquinas alimentícias e máquinas para embalagem). E, entre os vinte tipos de equipamentos que mais cresceram no período, 19 receberam financiamento do Modermaq.

Conclusões

Em vista das considerações anteriores, é possível apresentar as seguintes conclusões:

(i) Os desembolsos da AOI vêm crescendo de forma significativa no período considerado, o que tem feito aumentar, ao longo do tempo, a participação da Área no total de desembolsos do BNDES. Excluído o primeiro semestre de 2003, em que essa participação alcançou 43,4%, a partir do primeiro semestre de 2004 essa participação tem se elevado sistematicamente: de 36,7%, no primeiro semestre de 2004, passou para 40,9%, em 2005, caiu para 32,5%, em 2006, e aumentou significativamente para 46,3%, no primeiro semestre de 2007.

(ii) Mais importante, também tem aumentado ao longo do tempo a participação dos financiamentos de bens de capital através dos produtos FINAME (FINAME, FINAME Leasing e FINAME Agrícola) no total dos desembolsos da AOI. Considerando apenas os primeiros semestres de cada ano, essa participação elevou-se de 56,8%, em 2003, para 74%, em 2004, 77,5%, em 2005, 75%, em 2006, e 75,6%, em 2007.

(iii) No financiamento a equipamentos, o grupo transportes é preponderante. Sua participação nos desembolsos dos produtos FINAME também cresceu nesse período, saindo de 48,5%, em 2003, para 36,2%, em 2004, 47,6%, em 2005, 52,3%, em 2006, e 55,2%, no primeiro semestre de 2007.

(iv) Os equipamentos do setor agrícola sofreram um forte revés em 2005, quando sua participação nos financiamentos se reduziu praticamente à metade do ano anterior. Essa participação caiu de 41,4%, em 2004, para 21%, em 2005, e continuou a diminuir, alcançando 14,0%, no primeiro semestre de 2007.

(v) Os bens de capital do grupo não-transporte incluem máquinas para fins industriais e infra-estrutura. Esse grupo deu um importante salto em 2005 e passou a ocupar a segunda posição, em substituição aos equipamentos agrícolas, praticamente mudando o perfil de desembolsos para equipamentos da AOI. No primeiro semestre de 2004, 22,3% dos desembolsos para máquinas e equipamentos foram para os equipamentos não-transporte. Em 2005, essa participação saltou para 31,4% e se reduziu ligeiramente para 30,3%, no primeiro semestre de 2007, por conta do forte crescimento dos financiamentos para transportes ocorrido nesse período.

(vi) as condições relacionadas à atividade econômica explicam, em parte, o crescimento dos desembolsos da AOI para os bens de capital através dos produtos FINAME, no primeiro semestre de 2007. A surpreendente expansão da produção física do setor de bens de capital, nos cinco primeiros meses de 2007, justifica a expansão de 54% dos produtos FINAME, no primeiro semestre de 2007 (64,1% para transporte; 37,8% para não-transporte; e 54,5% para equipamentos agrícolas). Entretanto, o crescimento dos desembolsos nem sempre é influenciado exclusivamente pela atividade econômica, o que pode ser observado no ano de 2005. Nesse ano, o PIB subiu pouco e a produção de bens de capital caiu, mas os desembolsos para equipamentos não-transporte praticamente dobraram em relação a 2004.

(vii) Isso significa que os fatores associados às mudanças de procedimentos e às políticas operacionais do BNDES são igualmente importantes para influenciar o comportamento dos desembolsos para os bens de capital. Os desembolsos da Área, em geral, e os dos bens de capital, em particular, têm se beneficiado de uma série de medidas tomadas ao longo do tempo, que implicaram redução de *spreads* dos agentes financeiros, ampliação de prazos de financiamento e criação de programas voltados para atender a necessidades específicas do setor produtivo. Por exemplo, a criação do Modermaq, no fim de 2004, pode ser apontada como uma das causas para a forte elevação dos desembolsos para os bens de capital não-transporte, em 2005.

Referências Bibliográficas

ABIMAQ. “Rumos da competitividade – uma política industrial para o setor de máquinas e equipamentos”, dezembro de 2002.

_____. “Indicadores conjunturais da indústria de bens de capital mecânicos”, junho de 2007.

ANFAVEA, “Carta da Anfavea”, julho de 2007.

IBGE. “Índices especiais de bens de capital”, junho de 2007.